

# A HISTÓRIA PARA NÓS

---

## PROTEÇÃO E PROVISÃO (CAP. 15)

---

*O Medo e o Desânimo de Abraão.* Abraão estava temeroso. Possivelmente, ele estava apreensivo em relação ao perigo iminente e temia por sua segurança. Ele acabara de voltar de uma vitória improvável sobre os quatro reis (14:16–24), mas o que seria dele se os reis derrotados voltassem com seus exércitos superiores? O mais provável é que sua preocupação nessa ocasião decorresse da conscientização de que ele já tinha uns oitenta anos<sup>1</sup> e continuava sem filhos.

Este é o tipo de depressão e medo que, muitas vezes, vivenciamos após um livramento ou uma vitória sobre as forças do mal. Temos ilustrações disso em: 1) Moisés, o homem de Deus, após lavé libertá-lo do exército do Faraó no mar e prover tudo para Israel no deserto (Êxodo 17:4); 2) Davi, o homem segundo o coração de Deus, após demonstrar sua justiça e misericórdia poupando a vida de Saul (1 Samuel 27:1) e 3) Elias, o profeta de Deus, após lavé lhe dar vitória sobre os profetas de Baal e Aserá (“poste-ídolo”) que perseguiam seu ministério (1 Reis 19:1–14).

Pessoas de fé também têm sentimentos, e esses sentimentos não devem ser ignorados, menosprezados ou desconsiderados. Todavia, por causa dos excessos de comoção, podemos ter a tendência de,

---

<sup>1</sup>Abraão “tinha setenta e cinco anos quando saiu de Harã” (12:4) e tinha vivido dez anos em Canaã no momento da narrativa de 16:3. Provavelmente, ele estava na casa dos oitenta anos, quando teve essa visão. Ele tinha oitenta e seis quando Agar deu à luz Ismael em 16:16.

às vezes, ir ao extremo e tentar ver o cristianismo como uma questão de intelecto e vontade; podemos suspeitar de todas as expressões de emoção. Esta atitude pode fazer as pessoas se sentirem culpadas ou inseguras quando experimentam dúvidas, medos ou depressão; mas Deus é um Pai celestial amoroso, e Ele quer que tenhamos um relacionamento honesto com Ele, compartilhando nossos fardos e ansiedades. Deus não quer que o Seu povo finja estar feliz quando está relutando com a fé e sofrendo emocionalmente. Pelo contrário, Deus quer que lancemos nossa ansiedade sobre Ele porque Ele certamente cuida de nós (1 Pedro 5:7). Quando as pessoas clamam a Deus por respostas em momentos de dúvida e medo, elas precisam de confirmação e encorajamento de Deus e de Seus servos.

*O consolo que Abraão recebeu de Deus.* O Senhor sabia que Abraão estava experimentando medos e dúvidas. Ele se aproximou dele não o acusando, mas dando-lhe uma visão para acalmar seus temores. Gênesis 15 começa afirmando: “...veio a palavra do Senhor a Abrão, numa visão, e disse: Não temas, Abrão” (15:1a, b). Esta é a primeira vez que as palavras encorajadoras “não temas” aparecem na Bíblia. Deus as repetiu em inúmeras ocasiões: a Isaque, após seu confronto com alguns pastores de Gerar (26:24); a Jacó, a respeito de sua mudança para o Egito (46:3) e, numa série de ocasiões, ao povo de Israel ao saírem do Egito e vagarem pelo deserto (Êxodo 14:13; 20:20; Números 14:9; Deuterônimo 1:21). Em todas as situações, ou Deus se identificou com a expressão “Eu Sou” ou Moisés referiu-se a Ele como “Deus” ou “Iavé” e relatou o que Ele fez ou faria pelo Seu povo.

Muitas vezes no Novo Testamento, ou o próprio Jesus ou anjos usaram a expressão “não temas”. Estas palavras confirmam a presença de Deus entre o

Seu povo e o Seu desejo de abençoar os Seus filhos. Esta frase consoladora foi dita a Zacarias, José, Maria, os discípulos, Paulo e João<sup>2</sup>. Quando Deus disse para Abraão não ter medo, Ele estava ciente de que o que ele mais necessitava naquele momento não era mais promessas, mas uma confirmação do fato de que Iavé estava com ele e agiria constantemente na vida dele para abençoá-lo.

Deus continuou dizendo: “Eu sou o teu escudo [יָגֵן, *magen*]” (15:1c). Com isto, Deus queria dizer que Ele seria um escudo de proteção para Abraão nas horas de perigo. No Novo Testamento, Paulo incentivou os cristãos a tomarem “o escudo da fé” para “apagar todos os dardos inflamados do Maligno” (Efésios 6:16).

Esse conselho é contrário ao entendimento de alguns cristãos bem intencionados. Eles pensam que a fé em Deus e em Cristo é tão frágil que precisamos evitar qualquer confronto ou ameaça a ela e precisamos protegê-la em todos os momentos. Figuradamente, querem que escondamos a nossa fé (escudo) debaixo de nossas capas (armadura), para que ninguém a arranque de nós. Paulo parecia estar dizendo justamente o contrário disso, dizendo, em outras palavras: “Vocês não têm que proteger a fé [o seu escudo]. Ergam ele na frente de vocês e o usem, e ele os protegerá!”

A seguir, Deus ofereceu consolo por meio da promessa de um grande “galardão” (15:1d). Nessa ocasião, o patriarca não se mostrou satisfeito com essa promessa. Isto não significa que ele não valorizou o que o Senhor estivera fazendo por ele desde sua saída de Ur, tantos anos antes. Sem dúvida, Abraão era agradecido por Deus tê-lo abençoado com grande riqueza, rebanhos e gados, proteção contra inimigos e a promessa da terra de Canaã; embora ele não tivesse nenhum herdeiro para essas bênçãos. Esta profunda preocupação levou Abraão a ser sincero com Deus e revelar o que se passava no seu coração.

*A Decepção de Abraão com a Promessa de Deus.* Acima de tudo, Abraão estava decepcionado porque ele não tinha um herdeiro natural. Na antiguidade, quando um casal se casava, o que mais ansiavam era que o Senhor os abençoasse com filhos. Quando um casal casado não podia ter filhos, a infertilidade deles era vista como uma espécie de maldição (25:21; 30:1, 2; 1 Samuel 1:1, 2, 7, 19).

---

<sup>2</sup>Veja Mateus 1:20; 10:31; 28:5; Lucas 1:13, 30; 2:10; 5:10; 8:50; 12:7, 32; Atos 27:24; Apocalipse 1:17.

Embora Deus tivesse prometido, repetidas vezes, que Abraão um dia se tornaria uma nação poderosa, ele já estava na faixa dos oitenta anos e Sara – na faixa dos setenta – ainda era estéril (veja 12:4; 16:3; 17:17). A falta de descendentes era um fardo pesado que gerava grande tristeza no coração de Abraão. Vendo os anos avançarem rapidamente para ele e para sua mulher, Abraão não conseguia imaginar como o Senhor realizaria essa promessa. Depois de esperar tantos anos e ver sua esperança adiada, a decepção encheu-lhe o coração e ele naturalmente caiu em depressão. Para Abraão, parecia que Deus não estava fazendo nada para lhe dar um herdeiro; então ele se queixou a Deus por não ter filhos e disse que fizera do damasceno Eliézer seu herdeiro (15:2, 3).

Deus animou Abraão repetindo Sua promessa mais especificamente. Quando a Palavra do Senhor veio a Abraão novamente, foi-lhe dito que Eliézer não seria seu herdeiro. Um filho gerado por ele nasceria, e os descendentes desse filho herdariam todas as bênçãos prometidas a Abraão (15:4). O Senhor acrescentou à promessa uma ilustração: Ele mandou Abraão olhar para o céu e contar as estrelas; se é que podia. Deus concluiu dizendo: “Será assim a tua posteridade” (15:5). Abraão e Sara tinham uma difícil lição para aprender sobre fé – uma lição que todos nós precisamos aprender: *A vontade do Senhor deve ser cumprida do jeito dEle e no tempo dEle.* O povo de Deus sempre se debateu com a aparente demora das bênçãos divinas para os justos ou com os julgamentos sobre os ímpios.

O salmista rogou que o Senhor não demorasse, mas que “despertasse” de Seu “sono” e não “rejeitasse” Seu povo “para sempre” (Salmos 44:23). Ele pensava que Deus havia se esquecido da “miséria e... opressão” de Israel, que fora “espalhada entre as nações” (Salmos 44:11, 24; veja 9:19; 102:13). Semelhantemente, durante um ministério de cerca de quarenta anos, Jeremias expressou ao Senhor sua frustração e abatimento em seis lamentos. Ele não conseguia entender por que Deus tardava em trazer juízo sobre os ímpios. O profeta continuou a ser fiel em seu ministério, mas o povo de Jerusalém zombava dele e fazia piadas sobre ele. Até o povo da cidade onde ele cresceu, incluindo seus próprios parentes, o insultava com nomes, tramava o mal contra ele e procurava dar fim à vida dele (Jeremias 11:18–23; 15:10–18; 17:14–18; 18:18–23; 20:7–18).

No Novo Testamento, Pedro sabia dos que zombavam da idéia de que o Senhor voltaria para

julgar os ímpios e recompensar os justos. Ele mencionou a demora da Sua “promessa” como sendo o motivo de blasfemarem. Contudo, o apóstolo disse que a demora se devia ao desejo do Senhor de que ninguém “perecesse”, mas que “todos chegassem ao arrependimento” (2 Pedro 3:3, 4, 9). Em Apocalipse os mártires justos debaixo do altar celestial são retratados clamando: “Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?” (Apocalipse 6:10).

Deus geralmente tem propósitos que a razão humana desconhece. Abraão pode ter sido o primeiro a reclamar da lentidão da promessa de Deus, mas certamente ele não foi o último. Ele e Sara não tinham ideia de que Deus esperaria até seus corpos estarem “amortecidos” (Romanos 4:19) para Isaque ser concebido. A razão disso era demonstrar que “para o Senhor não há coisa demasiadamente difícil” (18:14). Deus, ao exercer o Seu poder de dar vida, garantiria que a glória seria dEle. Ele estava dando às futuras gerações razão para crerem que Ele é o Deus verdadeiro e disposição para Lhe servirem. O pai dos que creem, assim como o povo de Deus em todas as gerações, teve que aprender a “esperar pelo Senhor” (Isaías 40:31) com uma fé simples e confiante.

*A Resposta de Fé de Abraão.* Como já fizera antes, Deus, mais uma vez, pregou a Abraão a boa notícia de quem Ele é e o que Ele faz para abençoar os seres humanos. Ele assegurou ao patriarca que ele geraria um filho de seu próprio sangue e que seus descendentes seriam tão numerosos quanto as estrelas do céu. Em resposta a essa boa notícia, “[Abraão] creu no Senhor, e isso lhe foi imputado por justiça” (15:6). Obviamente, não foi nesse momento que o patriarca começou a ter fé. O escritor de Hebreus disse que foi “pela fé” que Abraão respondeu inicialmente ao chamado de Deus na Mesopotâmia, quando foi “para um lugar que devia receber por herança... sem saber aonde ia” (Hebreus 11:8).

A Bíblia nos informa que a fé aumenta gradualmente à medida que o indivíduo aprende a andar com Deus. Os discípulos do Senhor eram crentes que deixaram suas profissões e O seguiram; mas, por vezes, Jesus os repreendeu por terem “pouca fé” (Mateus 6:30; 8:26; 16:8; 17:20). Os discípulos reconheceram que necessitavam de mais fé, por isso pediram ao Senhor que lhes “aumentasse” a fé (Lucas 17:5). Em certas ocasiões, Jesus elogiou vários indivíduos pela “grande fé” que possuíam (Mateus

8:10; 15:28). Nós também sabemos pelo Evangelho de João que alguns dos que creram em Jesus não foram salvos porque ainda eram escravos do pecado (João 8:31–44). Até certas autoridades judaicas “creram” em Jesus, mas não confessaram a fé nEle por medo de serem expulsos da sinagoga. “Amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus” (João 12:42, 43).

A fé de Abraão foi semelhante à dos discípulos de Jesus. Ele começou andando com Deus, mas às vezes sua fé mostrou-se pequena e precisou crescer. Os discípulos tiveram de se esforçar para crescer e amadurecer na fé e na obediência. Eles seguiram Jesus e se relacionaram com Ele publicamente por quase três anos; e mesmo assim o medo tomou conta deles quando Jesus foi preso no jardim, fazendo-os fugir no meio da noite.

Abraão fez uma confissão pública de sua fé em Iavé, o Deus Altíssimo, perante o rei de Sodoma, Melquisedeque e os irmãos amorreus (14:22–24). A essa altura da vida, Abraão evidentemente não só cria na promessa do Senhor, como também no Senhor pessoalmente; e ele fez uma entrega a Deus mais profunda do que jamais fizera. O texto diz: “...e isso [a fé] lhe foi imputado [por Deus] para justiça” (15:6). Paulo emprestou esta ideia em Romanos, apontando para as duas únicas maneiras de se obter justiça: ou 1) um homem alcança justiça por fazer boas obras suficientes para merecer essa posição, ou 2) a justiça é recebida como um dom [dádiva] da graça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo (Romanos 4:1–5). Se fosse possível realizar boas obras o suficiente para merecermos ou adquirirmos a posição de “justiça” aos olhos de Deus, então poderíamos nos vangloriar, dizendo: “Veja o que eu fiz!” Isto, porém, é impossível! Tudo que podemos dizer é: “Veja o que Deus fez por mim, sendo eu indigno, mediante meu Salvador Jesus”. A salvação não decorre de realizações humanas; ela é dada pela expiação de Jesus, o qual morreu pelos pecados do mundo para que os seres humanos recebam “o dom de justiça” pela graça (Romanos 3:20–22; 5:17). O Senhor concede justiça a nós – como fez a Abraão – pela fé. Quando somos “batizados em Cristo”, nos tornamos Seus filhos e “herdeiros” segundo a “promessa” divina feita a Abraão (Gálatas 3:26–29).

*A Fé de Abraão foi Confirmada.* Primeiramente, Deus fortaleceu a fé de Abraão anunciando boas notícias, lembrando o patriarca de quem Ele é e do que Ele já tinha feito por ele. Disse Deus: “Eu sou

o Senhor que te tirei de Ur dos caldeus, para dar-te por herança esta terra” (15:7). Paulo queria pregar o evangelho em Roma e Corinto por uma razão similar: fortalecer e confirmar a fé dos cristãos lembrando-os do que Deus fizera por eles através da morte, sepultamento e ressurreição de Cristo (Romanos 1:15, 16; 1 Coríntios 15:1–4).

Devidamente exercitada, a memória estimula tanto a fé como a esperança nos indivíduos. O problema é que tendemos a nos esquecer das coisas que devemos lembrar e lembramos das coisas que deveríamos esquecer. Ofensas cometidas contra nós ou nossos amados raramente são esquecidas, enquanto alguns princípios da vida cristã parecem difíceis de serem lembrados por nós. A culpa e a amargura podem nos roubar a alegria em Cristo e destruir nosso testemunho ao próximo.

Paulo poderia ter se afundado em culpa por ter perseguido cristãos antes de se converter ou por causa dos maus tratos que sofreu injustamente nas mãos dos judaizantes e falsos irmãos. Todavia, ele disse: “Esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Filipenses 3:13, 14). Paulo só mencionou seus pecados anteriores para glorificar o Senhor, o qual lhe mostrou misericórdia e perdão, mudando sua vida completamente e o mandando pregar o evangelho. Paulo não contava sua história pessoal como uma ênfase mórbida no passado, mas como uma forma de dizer: “Se Deus me amou, me perdoou e me salvou – a mim, o pior dos pecadores – então há esperança para todos, não importa quais pecados ou crimes tenham cometido” (veja Atos 9:1–22; 22:3–21; 26:2–23; 1 Timóteo 1:12–17).

Em segundo lugar, Deus confirmou a fé de Abraão ao garantir que seus descendentes receberiam a terra de Canaã fazendo uma aliança com ele. No mundo antigo, não se faziam alianças levemente nem se quebravam alianças irreverentemente. Era gravíssimo quebrar uma aliança, e isso geralmente justificava a morte do ofensor (veja Jeremias 34:12–22). A maioria das alianças envolvia derramamento de sangue de um ou mais animais como sacrifícios, mais um juramento feito perante o Senhor para garantir que a aliança seria mantida.

Nesta ocasião, embora Abraão tivesse matado alguns animais para ratificar a aliança, foi só Deus que fez o juramento. Esse juramento começou com uma declaração a respeito do futuro: “Sabe, com

certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos” (15:13). Deus prometeu então “julgar” os opressores e disse que a descendência de Abraão “depois sairia com grandes riquezas” (15:14). Como uma garantia final, Ele reiterou: “À tua descendência dei esta terra, desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates” (15:18).

A aliança que Deus fez por meio de Moisés com Israel no monte Sinai teve muitos desses mesmos elementos. Assim como na aliança abraâmica, ela começou com a boa notícia de quem Deus é e do que Ele tinha feito para abençoar e redimir os israelitas: “Eu sou o Senhor [Iavé], teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (Êxodo 20:2). Depois, continuava com os Dez Mandamentos e outras ordenanças (Êxodo 20:3–23:33), dados como diretrizes para se tornarem “um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Êxodo 19:6). A seguir, Moisés “referiu ao povo todas as palavras do Senhor e todos os estatutos; então, todo o povo respondeu a uma voz e disse: Tudo o que falou o Senhor faremos” (Êxodo 24:3). Então sacrificaram animais como ofertas queimadas e ofertas pacíficas, e Moisés pegou um pouco de sangue e o aspergiu sobre o altar. Depois, ele pegou mais sangue e o aspergiu sobre as pessoas, firmando uma aliança entre Deus e o povo. Concluído isto, disse ele: “Eis aqui o sangue da aliança que o Senhor fez convosco a respeito de todas estas palavras” (Êxodo 24:8).

Escritores bíblicos posteriores emprestaram a linguagem da aliança para descrever Jesus como o Cordeiro de Deus, cujo sangue foi derramado como sacrifício expiatório pelos pecados do mundo (Isaías 53:10, 12; João 1:29, 36; Romanos 3:25; 1 João 1:7; 2:2). No momento em que Jesus instituiu o memorial da ceia na refeição de Páscoa, Ele disse o seguinte sobre o pão: “Isto é o Meu corpo”. Com referência ao cálice, Ele disse aos Seus discípulos: “Isto é o Meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados” (Mateus 26:26, 28). Assim como os sacrifícios de sangue das alianças abraâmica e mosaica ratificavam a relação entre Deus e o Seu povo, o sangue de Jesus garante nossa relação como filhos de Deus. Enquanto os sacrifícios de animais selavam a bênção prometida da terra de Canaã, o nosso sacrifício perfeito de uma vez por todas – Jesus – nos dá a bênção de “uma pátria superior”, “celestial” (Hebreus 11:16; veja 12:22).

*Conclusão.* Para receber o que está prometido,

precisamos permanecer fiéis em nosso compromisso com o Senhor e não desenvolver um “perverso coração de incredulidade que nos afaste do Deus vivo” (Hebreus 3:12). Foi isto o que aconteceu com a maioria dos membros da primeira geração de israelitas. Eles renegaram seu compromisso firmado na aliança, rejeitaram a Deus e morreram no deserto. Por isso, jamais desfrutaram do “descanso” divino na terra da promessa (Hebreus 4:3). No primeiro século, alguns cristãos judeus corriam o período de se desviar de Cristo, o único sacrifício pelos pecados debaixo da nova lei (Hebreus 10:26). Eles foram advertidos de que suas atitudes e ações estavam seriamente erradas; poderiam ser culpados de pisar “os pés o Filho de Deus” e “profanar o sangue da aliança com o qual foram santificados”, chegando até “ultrajar o Espírito da graça” (Hebreus 10:29). O autor de Hebreus admoestou-os a se voltarem para o Senhor, ou um “castigo” “mais severo” do que a morte lhes sobreviria (Hebreus 10:29).

A mesma advertência serve para o povo de Deus de todas as gerações: jamais devemos depreciar com palavras ou atitudes a necessidade do sacrifício de Cristo, como se a nossa salvação e destino eterno fossem garantidos sem ele. Pedro declarou que “não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (Atos 4:12).

---

### A NATUREZA CONDICIONAL DAS PROMESSAS DE DEUS (15:7–21)

---

Uma visão popular defendida por alguns hoje em dia é que a terra de Israel (a antiga Canaã) pertence apenas ao povo judeu porque Deus a deu a eles como uma dádiva incondicional e irrevogável<sup>3</sup>. Ainda que expoentes desta opinião admitam que muitas profecias do Antigo Testamento eram de natureza condicional, alguns afirmam que as pro-

<sup>3</sup>Alguns defensores clássicos desta opinião são: Walter C. Kaiser Jr., *Toward Rediscovering the Old Testament*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1987, pp. 150–55; Ronald B. Allen, “The Land of Israel” em *Israel: The Land and the People*, ed. H. Wayne House. Grand Rapids, Mich.: Kregel Publications, 1998), 24–28; e Craig A. Blaising e Darrell L. Bock, *Progressive Dispensationalism*. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1993, pp. 132–35.

fecias referentes à terra não eram condicionais porque Deus fez um juramento a Abraão de dar a terra a ele e a seus descendentes para sempre. Todavia, exceto quando aponta para Deus e Seus atributos, o termo “para sempre” (עולם, *’olam*) se refere a princípios e práticas que são temporais e duram por “uma geração” ou por “um tempo indeterminado” (longo ou curto), e não por toda a eternidade. Ademais, devemos estar cientes de que as profecias e promessas, mesmo quando acompanhadas de um juramento divino, poderiam ser condicionais.

1. *A Natureza Condicional da Terra Prometida*. Em um dos sermões de Moisés aos israelitas no deserto, pouco antes de entrarem na Terra Prometida, ele advertiu o povo claramente:

Havendo-te, pois, o Senhor, teu Deus, introduzido na terra que, sob juramento [שָׁבַע, *shaba*], prometeu a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó, te daria..., guarda-te, para que não esqueças o Senhor... Não seguirás outros deuses, nenhum dos deuses dos povos que houver à roda de ti, porque o Senhor, teu Deus, é Deus zeloso no meio de ti, para que a ira do SENHOR, teu Deus, se não acenda contra ti e te destrua de sobre a face da terra (Deuteronômio 6:10–15; grifo meu).

Segundo Moisés, se Israel fosse infiel ao Senhor, a nação perderia não só a terra, mas até sua própria existência. Embora Deus tivesse feito um juramento sobre a sobrevivência de Israel na Terra Prometida, o cumprimento contínuo desse juramento era condicional.

No meio das bênçãos e maldições da aliança (Deuteronômio 28:1–21), Moisés enfatizou a natureza condicional (“se... então”) da aliança que Deus fez com Israel:

Se atentamente ouvires a voz do Senhor... o Senhor, teu Deus, te exaltará sobre todas as nações da terra... O Senhor te constituirá para si em povo santo, como te tem jurado, quando guardares os mandamentos do SENHOR, teu Deus, e andares nos seus caminhos... O SENHOR te dará abundância de bens no fruto do teu ventre... na terra que o SENHOR, sob juramento [*shaba*] a teus pais, prometeu dar-te...

Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do Senhor, teu Deus... então, virão todas estas maldições sobre ti... O Senhor fará que a pestilência te pegue a ti, até que te consuma a terra a que passas para possuí-la (Deuteronômio 28:1–21; grifo meu).

Mesmo tendo Deus dado a terra a Israel sob juramento, é evidente que a promessa era condicional, baseada na obediência do povo a Ele. De fato,

os escritores bíblicos caracterizaram esse juramento como uma faca de dois gumes: os israelitas receberiam bênçãos se obedecessem a Deus e maldições, se desobedecessem. Foi assim que Daniel, que estava entre os primeiros exilados em 605 a.C., explicou a perda da terra e o cativo babilônico.

Sim, todo o Israel transgrediu a tua lei, desviando-se, para não obedecer à Tua voz; por isso, a maldição e as imprecações [שְׁבוּעָה, *shebu'ah*] que estão escritas na Lei de Moisés... Ele confirmou a Sua palavra, que falou contra nós e contra os nossos juízes que nos julgavam, e fez vir sobre nós grande mal, porquanto nunca, debaixo de todo o céu, aconteceu o que se deu em Jerusalém (Daniel 9:11, 12; grifo meu).

Em 587 a.C., à medida que se aproximava o fim do reino de Judá durante o cerco babilônico a Jerusalém, Jeremias lamentou. O profeta sabia a verdade e comunicara as advertências de Deus. Ele escreveu que a calamidade se aproximava sobre Judá, apesar de Deus lhes dar a terra como herança sob juramento, por causa da desobediência do povo:

Tiraste o Teu povo de Israel da terra do Egito, com sinais e maravilhas... e lhe deste esta terra, que com juramento prometeste [*shaba'*] a seus pais... Entraram nela e dela tomaram posse, mas não obedeceram à Tua voz, nem andaram na Tua lei... pelo que trouxeste sobre eles todo este mal. Eis aqui as trincheiras já atingem a cidade, para ser tomada; já está a cidade entregue nas mãos dos caldeus, que pelejam contra ela... O que disseste aconteceu; e Tu mesmo o vês (Jeremias 32:21–24; grifo meu).

Profetas como Jeremias passaram por tempos difíceis convencendo seus contemporâneos de que eles perderiam a terra se não se arrependessem e voltassem para Deus. Aqueles judeus, como muitos hoje em dia, se recusaram a aceitar o fato de que as profecias sobre a terra eram condicionais. O povo compreendeu apenas um lado das promessas que Deus fizera sob juramento, interpretando-as como absolutas. Ignoraram o fato de que precisavam ser fiéis a Deus e à aliança mosaica.

2. *A Natureza Condicional da Promessa do Trono.* Algumas promessas de Deus podem parecer incondicionais porque as condições específicas não são declaradas em todos os respectivos textos. Uma ilustração disso está no juramento de Deus sobre o trono de Davi, em 2 Samuel 7:16: “Porém a tua casa [dinastia] e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será estabelecido para sempre”. Esta declaração fez muitos judeus crerem que

Deus jamais permitiria que Jerusalém caísse ou que a dinastia de Davi cessasse, dependendo da corrupção e idolatria da nação ou da infidelidade do povo à aliança mosaica.

O Salmo 89 exemplifica o problema. O escritor começou exaltando a fidelidade de Deus ao juramento que Ele fez a Davi, dizendo: “Fiz aliança com o Meu escolhido e jurei [*shaba'*] a Davi, Meu servo: Para sempre estabelecerei a tua posteridade e firmarei o teu trono de geração em geração” (Salmos 89:3, 4). Então, após recitar o chamado de Davi, sua unção e sua relação com o Senhor, o salmista repetiu as palavras de Deus: “Uma vez jurei [*shaba'*] por Minha santidade (e serei Eu falso a Davi?): A sua posteridade durará para sempre, e o seu trono, como o sol perante mim. Ele será estabelecido para sempre como a lua e fiel como a testemunha no espaço” (Salmos 89:35–37).

Todavia, o tom é diferente na segunda metade do salmo. Ela soa como se o amor imutável de Deus tivesse mudado; a fidelidade divina à promessa firmada na aliança com Davi estava em discussão. O “ungido” (rei) de Deus fora “repudiado e rejeitado” (Salmos 89:38) e aquilo que Deus havia jurado jamais fazer havia acontecido: “Aborreceste a aliança com o Teu servo; profanaste-lhe a coroa, arrojando-a para a terra. Arrasaste os seus muros todos...” (Salmos 89:39, 40). O impensável havia acontecido: “Fizeste cessar o seu esplendor e deitaste por terra o seu trono” (Salmos 89:44). Com isto, o salmista proferiu uma pergunta lastimosa: “Que é feito, Senhor, das Tuas benignidades de outrora, juradas [*shaba'*] a Davi por Tua fidelidade?” (Salmos 89:49).

Era triste, obviamente, que Jerusalém havia caído, a dinastia de Davi havia cessado e o povo de Deus havia perdido sua terra; mas o entendimento do salmista nesse momento era incompleto porque ele estava olhando para a aliança davídica, e não para a aliança mosaica, como a principal. Ele cometeu o mesmo erro que alguns judeus e cristãos evangélicos cometem hoje ao entender que o juramento de Deus foi absoluto e incondicional, quando, de fato, muitas outras passagens revelam sua natureza condicional.

Um exemplo excelente disto se revela na dedicação do templo em Jerusalém, quando Deus informou Salomão de que as promessas do trono, do reino, da terra e do templo eram condicionais. Ele disse que Israel perderia todas essas promessas, se fosse infiel a Iavé e adorasse outros deuses. Em resposta à oração de Salomão em 1 Reis 8, Deus disse:

Ouvi a tua oração e a tua súplica que fizeste perante Mim; santifiquei a casa que edificaste, a fim de pôr ali o Meu nome para sempre... Se andares perante Mim como andou Davi, teu pai, com integridade de coração e com sinceridade... então, confirmarei o trono de teu reino sobre Israel para sempre, como falei acerca de Davi, teu pai...

Porém, se vós e vossos filhos, de qualquer maneira, vos apartardes de Mim... mas fordes, e servirdes a outros deuses, e os adorardes, então, eliminarei Israel da terra que lhe dei, e a esta casa, que santifiquei a Meu nome, lançarei longe da Minha presença; e Israel virá a ser provérbio e motejo entre todos os povos (1 Reis 9:3-7).

A natureza temporal do trono físico de Davi é enfatizada em Salmos 132:11 e 12, quando o juramento de Deus baseou sua validade na obediência do povo à aliança mosaica:

O Senhor jurou a Davi  
com firme juramento e dele não se apartará:  
Um rebento da tua carne farei subir para o teu trono.  
Se os teus filhos guardarem a minha aliança  
e o testemunho que Eu lhes ensinar,  
também os seus filhos se assentarão para sempre  
no teu trono.

O elemento qualificador “se” de Iavé nesta afirmação demonstrou que Suas promessas a Davi e a seus descendentes não eram absolutas.

3. *A Natureza Condicional da Promessa da Volta.* Uma série de profecias predizia a volta e a reintegração dos exilados à Terra da Promessa, depois dos respectivos períodos de cativeiro, bem como o re-estabelecimento do trono de Davi (Ezequiel 37:1-28; Jeremias 23:1-8). Essas esperanças, também, dependiam da conversão do povo ao Senhor. Uma ilustração notável disso encontra-se em 2 Crônicas 30. Após a queda de Israel, o reino do norte, nas mãos da Assíria, Ezequias instituiu reformas em Judá, o reino do sul. Ele desejava promover unidade entre o seu povo e os judeus remanescentes do norte, que não tinham sido levados para o cativeiro assírio. O rei mandou emissários (“correios”) por todo o território que antes era Israel e por todo o reino de Judá para entregar cartas convidando todos os judeus que permaneciam na terra para se reunirem em Jerusalém e renovarem seu compromisso com o Senhor, observando a Páscoa (2 Crônicas 30:1-5). O convite de Ezequias dizia:

Filhos de Israel, voltai-vos ao Senhor, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, para que ele se volte para o restante que escapou do poder dos reis da Assíria... Não endureçais, agora, a vossa cerviz, como vossos pais; confiai-vos ao Senhor, e vinde

ao Seu santuário que Ele santificou para sempre, e servi ao Senhor, vosso Deus, para que o ardor da Sua ira se desvie de vós. Porque, se vós vos converterdes ao Senhor, vossos irmãos e vossos filhos acharão misericórdia perante os que os levaram cativos e tornarão a esta terra; porque o Senhor, vosso Deus, é misericordioso e compassivo e não desviará de vós o rosto, se vos converterdes a Ele (2 Crônicas 30:6-9).

A volta do cativeiro assírio dependia do arrependimento dos remanescentes de Israel, o reino do norte. Eles tinham que se dispor a se unir aos irmãos judeus em Jerusalém para adorar ao Senhor. Todavia, a resposta ao convite apresentado pelos “correios” de Ezequias foi decepcionante, como revela o registro bíblico:

Os correios foram passando de cidade em cidade, pela terra de Efraim e Manassés até Zebulom; porém riram-se e zombaram deles. Todavia, alguns de Aser, de Manassés e de Zebulom se humilharam e foram a Jerusalém (2 Crônicas 30:10, 11).

A implicação deste texto é que só um punhado de israelitas humilhou-se perante o Senhor, ao passo que a maioria dos remanescentes do reino do norte zombou do convite de Ezequias para se arreenderem e se voltarem para Iavé. Uma longa história de más relações entre os dois reinos pode ter intensificado a dureza de coração dos remanescentes de Israel, mas a recusa deles de se unirem a Judá anulou a possibilidade do regresso de seus irmãos do cativeiro assírio e sua integração com Judá, após o cativeiro babilônico.

Há mais evidências da natureza condicional da promessa da terra, incluindo o regresso do cativeiro, na oração de Neemias pelo grupo de judeus que voltou para Jerusalém após o exílio:

Lembra-Te da palavra que ordenaste a Moisés, Teu servo, dizendo: Se transgredirdes, Eu vos espalharei por entre os povos; mas, se vos converterdes a Mim, e guardardes os Meus mandamentos, e os cumprirdes, então, ainda que os vossos rejeitados estejam pelas extremidades do céu, de lá os ajuntarei e os trarei para o lugar que tenho escolhido para ali fazer habitar o Meu nome (Neemias 1:8, 9).

A volta de Israel do cativeiro e a retomada de posse da terra dependiam da volta do povo a Deus e da obediência aos Seus mandamentos. Os grandes oráculos de esperança (veja Jeremias 23; Ezequiel 37) só se cumpriram num sentido limitado e parcial porque a maioria dos exilados nunca se arrependeu. Isaías retratou Israel, “servo” de Deus,

como “surdo” e “cego”, recusando-se a ouvir o chamado de Deus e a observar a Sua lei mesmo depois de ser “roubado” e “saqueado” no cativeiro (Isaías 41:8; 42:18–22). Em outras palavras, a maioria do povo não aprendeu com as trágicas experiências a voltar para Deus.

Não sabemos quantos de Israel e Judá foram levados para o cativeiro. Alguns calculam que os exilados somavam entre 300.000 e 500.000, começando com a remoção feita por Tiglate-Pileser de grandes segmentos da população de Israel da Galileia e Transjordânia, em 732 a.C. (2 Reis 15:29). Uma década depois disso, deu-se a destruição final da nação com a queda de Samaria, em 722 a.C. As Escrituras simplesmente dizem que o rei assírio “transportou a Israel para a Assíria” (2 Reis 17:6). Cerca de vinte anos depois, Senaqueribe, outro rei assírio, invadiu Judá, o reino do sul, porque o rei Ezequias rebelou-se contra ele (2 Reis 18:7) e fez uma coalizão defensiva com outras nações. O exército de Senaqueribe devastou a terra, e ele celebrou sua vitória mandando confeccionar vários prismas de argila. Esses registros arqueológicos alegam que ele transportou para o cativeiro mais de 200.000 pessoas, após destruir quarenta e seis cidades de Judá e prender o rei Ezequias “como um pássaro numa gaiola” em Jerusalém<sup>4</sup> (veja 2 Reis 18:13). A capital não caiu durante esse cerco de 701 a.C., mas isso foi por causa da oração sincera de Ezequias e da intervenção divina (2 Reis 19:14–35).

Quase um século depois, após a derrota final da Assíria e da subida de Nabucodonosor ao poder, o povo judeu foi levado ao cativeiro babilônio. Isso ocorreu em três fases. A primeira fase foi em 605 a.C., durante o reinado do rei Jeoaquim, quando o exército de Nabucodonosor levou Daniel e muitos outros jovens de Jerusalém para a Babilônia (2 Reis 24:1–3; Daniel 1:1–4). Um segundo grupo foi retirado em 597 a.C., quando o rei Jeoaquim, a família real e dez mil dos principais cidadãos de Jerusalém foram levados para a Babilônia (2 Reis 24:8–14). Uma rebelião final no reinado do rei Zedequias terminou em 586 a.C., com os babilônios destruindo Jerusalém, seus muros e o grande templo de Salomão. Os inimigos deram continuidade despovoando Judá, deixando ficar alguns dos mais pobres da terra para vinheiros e lavradores. Estes deveriam

<sup>4</sup>A. Leo Oppenheim, trad., “The Annals of Sennacherib” em *Ancient Near Eastern Texts: Relating to the Old Testament*, 3a. ed., ed. James B. Pritchard. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1969, p. 288.

pagar tributos aos conquistadores (2 Reis 25:1–12). Deste imenso número de exilados, pelo que sabemos, só 10 ou 15 por cento regressaram à província de Judá após a queda da Babilônia e os reis persas permitirem que os povos prisioneiros voltassem às suas pátrias (veja Esdras 2:64; 8:1–20; Neemias 2:11, 12).

Depois de Ciro decretar que os prisioneiros poderiam voltar à terra natal, a gloriosa visão profética da nação restaurada com um rei davídico aconteceu – mas não como Deus queria, pois a maioria dos judeus jamais voltou. Uma parte considerável da “aliança perpétua” que Deus fez com Davi, a qual Isaías chamou de “fiéis misericórdias prometidas a Davi” (Isaías 55:3), envolvia o restabelecimento de seu trono e reino porque ele deveria ser “testemunho aos povos” “Eis que eu o dei por testemunho aos povos, como príncipe e governador dos povos [os gentios]” (Isaías 55:4). Muitos dos mais confiáveis soldados de Davi eram estrangeiros leais a Iavé e a ele: entre esses estavam Urias, o heteu (2 Samuel 11:3–11), a guarda real de seiscientos filisteus (2 Samuel 15:18–22) e outros “valentes” (2 Samuel 23:8–39; 1 Crônicas 11:10–47). Davi tinha o dom de derrotar seus inimigos e depois conquistá-los para servirem a Iavé e a ele, o ungido de Deus. Os judeus, sendo o povo de Deus, deveriam seguir seu exemplo e “chamar a nação” que eles não “conheciam”; como lhes foi dito por Isaías: “...uma nação que não conheces, e uma nação que nunca te conheceu correrá para junto de ti, por amor do Senhor, teu Deus, e do Santo de Israel, porque Este te glorificou” (Isaías 55:5).

O regresso do povo de Deus do cativeiro era para ser um ato redentor que convenceria os povos gentios de que os judeus serviam ao Deus único e soberano, a ponto de se voltarem para Ele e serem salvos. Israel, sendo “servo” de Deus, deveria “restaurar as tribos de Jacó e tornar a trazer os remanescentes de Israel”; e o Senhor acrescentou: “Também te dei como luz para os gentios, para seres a Minha salvação até à extremidade da terra” (Isaías 49:6). A aceitação de gentios como parte do povo da aliança certamente era a intenção de Deus ao permitir que regressassem do exílio.

*Conclusão.* No Novo Testamento, não há promessa de uma pátria terrena, e a Bíblia nada diz sobre os judeus voltarem para a Palestina na segunda vinda de Cristo. Não encontramos nenhuma promessa de que eles vão receber a terra por herança, reconstruir o templo ou reinstaurar a aliança mosai-

ca com seus sacrifícios de animais, como acreditam alguns. Aqueles que assim interpretam as Escrituras estão tirando deduções inexistentes nessas passagens e ignorando o contexto histórico do qual os profetas falaram. Os acontecimentos sugeridos por essa corrente fariam o relógio teológico retroceder até as sombras da velha aliança. Em vez disso, devemos valorizar a realidade da nova e “superior aliança” (Hebreus 7:22) e aderir as promessas que agora temos por meio de Jesus Cristo (Hebreus 7:19—8:13).

Deus não fez da terra de Canaã uma concessão incondicional ou irrevogável aos descendentes físicos de Abraão. Pelo contrário, os israelitas nunca tiveram a posse definitiva dela; eles sempre foram habitantes “estrangeiros” e “peregrinos” (Levítico 25:23; 1 Crônicas 29:15). A maior afronta a Deus da parte dos líderes do povo judeu foi a rejeição e a crucificação do Seu Filho, o qual veio para salvá-los – e a toda a humanidade – das consequências eternas de seus pecados. O orgulho e a arrogância privaram os judeus de perceberem que necessitavam de um novo nascimento radical “da água e do Espírito” a fim de entrar no “reino de Deus” (João 3:3–5; veja Marcos 1:4; Lucas 3:3).

Em sua maioria, os judeus viam o reino de Deus como temporal, restrito e nacionalista. Os que ocupavam lugares de autoridade viam Jesus

como um rebelde contra a lei de Moisés e um blasfemador que alegava ser o Filho de Deus. Consideravam Jesus um falso messias perigoso, alguém que poderia desviar as pessoas comuns atendendo às suas esperanças e sonhos de um novo reino davídico. Os líderes judeus sabiam, obviamente, que essa sequência de fatos acenderia a ira de Roma sobre eles; daí, perderiam seus cargos de autoridade, se não a própria vida (João 11:47–53). Movidos pela dureza de coração, optaram pelo caminho politicamente viável de rejeitar o Filho de Deus, e mataram Jesus.

Todavia, Segundo Paulo, ainda havia esperança para o povo israelita. O apóstolo falou deles como ramos naturais da oliveira de Deus (o povo do Seu reino), o qual foi cortado por causa da incredulidade. Ele descreveu os gentios como sendo enxertados na árvore pela fé (Romanos 11:17–20). Sendo assim, segundo a “bondade” de Deus, *se* o povo judeu viesse a ter uma fé obediente, *então* eles seriam “enxertados” de novo na árvore de Deus e, assim, salvos (Romanos 11:22–27).

Paulo não estava discutindo salvação política num reino judeu nacionalista e terreno que uma vez fora prometido a Abraão. Nem ele nem outro autor do Novo Testamento trataram dessas preocupações e doutrinas que promovem ideias não bíblicas.

Autor: Bill Grasham  
© A Verdade para Hoje, 2016  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS